

## A LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS - PACTO DE CRIATIVIDADE

MARIA DO SAMEIRO PEDRO\*

Embora nem todos disso se dêem conta, uma área representativa da produção literária em língua portuguesa é constituída pela comumente designada *literatura infantil e juvenil*<sup>1</sup>. Aí encontramos a herança da tradição oral<sup>2</sup> (em rimas infantis, contos, lendas, ...), bem como textos de Autores que escrevem apenas para crianças e jovens ou também para adultos<sup>3</sup>. Poderá parecer óbvio, mas é

---

<sup>1</sup> Como é patente, adopto a acepção de *literatura* que V. M. AGUIAR E SILVA define como "Conjunto de obras que se particularizam e ganham feição especial quer pela sua origem, quer pela sua temática ou pela sua intenção [...]" (cf. "Os conceitos de literatura e literariedade", in *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, 1984 (6ª ed. rev.), p.7.

<sup>2</sup> Sobre esta área e por todos, sublinhemos a relevância dos estudos já efectuados por M.ª J. COSTA e M.ª E. TRAÇA, respectivamente: *Um continente poético esquecido. as rimas infantis*, Porto, Porto Editora, 1992; *O fio da memória. Do conto popular ao conto para crianças*, Porto, Porto Editora, 1992.

<sup>3</sup> A título simplesmente exemplificativo, tomem-se como referência Autores e obras ensaísticas sobre eles produzidas: J. A. GOMES, *A poesia na literatura para a infância. A produção portuguesa, do pós-guerra à actualidade, e o caso de Matilde Rosa Araújo*, Rio Tinto, Asa, 1993; V. FLORÊNCIO, *A literatura para crianças e jovens em Irene Lisboa*, Porto, Asa, 1994; M. MARTINS, *Ler Sophia. Os valores, os*

imprescindível sublinhar que 'infantil' e 'juvenil' não são traços intrínsecos desta área de produção literária, mas identificadores do público que ela mesma selecciona preferencialmente.

Com efeito e assumindo um certo travo irónico, na base deste comentário estão velhas querelas entre a literatura dita institucionalizada e outros domínios considerados apenas adjacentes, como (de entre vários possíveis) a literatura de tradição oral ou a literatura para crianças e jovens (a qual e como vimos, partilha com aquela muitos textos)<sup>4-5</sup>. Embora possa parecer demasiado forte a palavra 'querela', o certo é que ainda hoje não encontramos a devida referência nas histórias da literatura aos Autores de literatura para crianças e jovens, aparecendo excepcionalmente por vezes uma breve alusão a tal facto no caso daqueles que produzem sobretudo para adultos<sup>6</sup>.

---

*modelos e as estratégias discursivas nos contos de Sophia de Mello Breyner Andresen*, Porto, Porto Editora, 1995; ou R. M. VELOSO, *A obra de Aquilino Ribeiro para crianças. Imaginário e escrita*, Porto, Porto Editora, 1994.

<sup>4</sup> Sobre as relações entre a literatura institucionalizada e as que estão à sua margem, cf. B. MOURALIS, *As contraliteraturas*, Coimbra, Almedina, 1982. Veja-se também, de A. A. L. DIOGO, "Da literatura infantil como literatura anexada. Dimensões diacrónica e sincrónica da noção", in *literatura Infantil. História, teoria, interpretações*, Porto, Porto Editora, 1994.

<sup>5</sup> Sobre as relações entre a literatura infantil de tradição oral e a literatura infantil de autor, registem-se os seguintes ensaios, um como referência histórica, outro pelo seu carácter recente, ambos a título exemplificativo; respectivamente: M. SORIANO, *Les contes de Perrault. Culture savante et traditions populaires*, Paris, Gallimard, 1968; e M. ARGILLI, *Ci sarà una volta. Immaginario infantile e fiaba moderna*, Firenze, La Nuova Italia Editrice, 1995.

<sup>6</sup> As referências a obras e autores da literatura para crianças e jovens chegam-nos, no entanto, ou como secção de balanço de ano literário (vejam-se os textos de M.<sup>a</sup> B. HERDEIRO ou J. A. GOMES na revista *Vértice*, assim como os de M. R. ARAÚJO em publicações do Centro Português da Associação Internacional dos Críticos Literários, bem como as que surgiram na *Colóquio / Letras*). No que diz respeito a periódicos, são também importantes as recensões críticas que aparecem com alguma regularidade, como as do *Expresso*, da autoria do já referido J. A. GOMES (algumas delas, aliás, encontram-se recolhidas no volume *Literatura para crianças e jovens. Alguns percursos*, Lisboa, Caminho, 1991). De maior fôlego, sobre o caso português, encontramos a *Breve história da literatura*

Os fundamentos de tal perplexidade e de um modo global, assentam na nossa memória enquanto herdeiros da revolução romântica e dos seus desenvolvimentos (a título de mero exemplo, recordem-se a valorização das tradições populares e a defesa de uma poética própria, não pré-estabelecida). Por seu turno e de um modo circunscrito, a mesma reforça-se sempre que nos questionamos acerca das fronteiras entre destinatários dos textos (crianças, jovens / adultos)<sup>7</sup> ou sobre as diferenças dos processos de escrita<sup>8</sup>. Sem dúvida, todos nós trazemos na memória histórias ouvidas / lidas na nossa infância e na nossa juventude, prontas a serem actualizadas, do mesmo modo que, do alto da nossa

---

*para crianças em Portugal*, de N. ROCHA (Lisboa, ICALP, 1992 (2ª ed.), a *História da Literatura Infantil Portuguesa*, de M.ª L. B. PIRES (Lisboa, Vega, s/d), assim como o *Catálogo de Literatura Infantil*, de Domingos GUIMARÃES DE SÁ, Braga, Editorial Franciscana, 1977 (2ª ed.). Acrescente-se ainda, a este propósito o lindíssimo ensaio de A TORRADO, *O bosque mínimo* (Cadernos IAC, n.º 2, Nov. 1990).

<sup>7</sup> Sobre a questão dos destinatários da literatura para crianças e jovens, notemos a breve observação de M.ª A. SEIXO, num ensaio a propósito de Sophia de Mello Breyner Andresen: “[...] uma questão fundamental que aqui se coloca [...] é a de saber até que ponto o destinatário da literatura infanto-juvenil é uma entidade relativamente definida e delimitada, ou, pelo contrário, não é mais que a projecção exercida pelo destinador a partir de uma imagem protocolar, endóctica e convencional ideologicamente configurada [...]” (cf. *Histórias da terra e do mar* de Sophia de Mello Breyner Andresen”, in *A palavra do romance. Ensaios de genologia e análise*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986).

<sup>8</sup> A propósito de processos de escrita, e enquanto ilustração, atentemos no comentário com que P. Morão encerra um ensaio sobre a infância na obra de Eugénio de Andrade: “A infância [...] é um tema central em Eugénio de Andrade; no fundo, não me importa muito saber caracterizar com exactidão o que haja de específico nos textos que escreveu especialmente para crianças, porque não creio aí encontrar nada de profundamente diverso do que leio nos seus poemas, desde os mais antigos: a coerência de um sujeito para quem algumas palavras bastam, desfiadas em algumas histórias longuíssimas de tão breves, sem tempo e tão antigas - as que compõem a essência, “*musicalíssima*”, da poesia.” (cf. “A infância na obra de Eugénio de Andrade”, in *Cadernos de Serrúbia*, nº 1, Dez. 1996, p.152). Para um desenvolvimento teorizante destas questões e por todos, leia-se o ensaio de L. SANCHEZ CORRAL, *Literatura infantil y lenguaje literario*, Barcelona, Paidós, 1995.

idade adulta, somos ainda e sempre capazes de nos deliciar a ler um livro que aparentemente parecia não nos estar destinado; por outras palavras, revemos a memória de nós no texto ou nas ilustrações, no diálogo entre ambos, bem como no acordar de lembranças daqueles que davam voz às palavras por nós escutadas<sup>9</sup>.

Todavia e para lá da experiência individual de cada um, ou melhor, incluindo e ultrapassando cada singularidade, deparamo-nos todos com uma escola de massas, principal promotora da leitura do texto literário e lugar de formação de um cânone. Assim e no domínio da linguagem verbal, seja no que se anuncia a nível do Pré-escolar<sup>10</sup>, seja na disciplina de Língua Portuguesa ao longo dos 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário<sup>11</sup>, a dimensão lúdica de contacto com a linguagem literária co-ocorre com outras vertentes do uso da linguagem verbal. Como sabemos, tal processo continua uma longa tradição valorizadora do texto literário clássico, logo não contemporâneo, enquanto modelo da boa linguagem escrita<sup>12</sup>. No entanto, hoje em dia a aula de Português,

<sup>9</sup> Sobre este diálogo, veja-se um texto concreto (entre muitos outros possíveis, pontualíssimo exemplo...) e um ensaio sobre o mesmo, respectivamente: A. TORRADO e M.<sup>a</sup> A. MENÉRES, *Histórias em ponto de contar*, Lisboa, Editorial Comunicação, 1984; P. MORÃO, "Sobre *Histórias em ponto de contar*", in *Viagem na terra das palavras. Ensaios sobre literatura portuguesa*, Lisboa, Cosmos, 1993.

<sup>10</sup> Cf. *Orientações curriculares para a educação pré-escolar. Documento de trabalho. 2ª versão*, ME / DEB / Núcleo de educação pré-escolar, Dez.1996, *maxime* pp.42 e ss..

<sup>11</sup> A este propósito, observem-se os diferentes Programas da responsabilidade do Ministério da Educação, editados pela Imprensa Nacional / Casa da Moeda.

<sup>12</sup> Sobre a constituição do cânone em geral e do cânone literário em particular, tomemos como referência básica e de síntese, as certas palavras de C. REIS no recente ensaio *O conhecimento da literatura. Introdução aos estudos literários*, Coimbra, Almedina, 1995, *maxime* pp. 38 e ss. e 71 e ss.. Ainda a propósito de cânone literário, vejam-se dois ensaios de referência, os quais, embora de fôlego diferente, mostram o posicionamento de leitores particularmente competentes perante a tradição, ao mesmo tempo que a re-constroem: *Porquê ler os clássicos?*, de I. Calvino (Lisboa, Teorema, 1991) e *The Western Canon. The Books and the School of the Ages*, de H. Bloom (New York / San Diego / London, Harcourt Brace & Company, 1994). Sobre este mesmo assunto, é também interessante observar o roteiro da exposição *Books of the Century*, promovida em comemoração do centésimo aniversário de 'The New York Public Library' (Maio

ao mesmo tempo que desenvolve o conhecimento da gramática da língua, explora o conhecimento / experiência de uma manifestação específica - a linguagem literária - , dando também particular ênfase à pragmática; assim, pelo menos ao nível dos textos programáticos, cria-se a possibilidade de uma experiência multifacetada, representativa da complexidade das manifestações verbais<sup>13</sup>.

A ressalva feita - 'pelo menos nos textos programáticos' - justifica-se na medida em que os professores, bibliotecários, animadores sócio-culturais e outros são unânimes em verificar a diferença existente entre as premissas do proposto e as competências efectivas de crianças, jovens e adultos<sup>14</sup>. Penosamente, este não é um lugar comum desprovido de significado, antes resulta da verificação das atribuições do processo de aprendizagem do português nas suas múltiplas dimensões<sup>15</sup>.

---

de 1995 / Julho de 1996): E. DIEFENDORF (ed.), *The New York Public Library Books of the Century*, New York / Oxford, Oxford University Press, 1996, com particular referência à secção "Favorites of childhood and youth", p. 204 e ss.. Ainda acerca da relação com o texto literário, veja-se o delicioso texto de R. COTRONEO, *Se una mattina d'estate un bambino. Lettera a mio figlio sull'amore per i libri*, s/l, Frassinelli, 1994.

<sup>14</sup> A este propósito, veja-se o ensaio "O escândalo do ensino do português", de M.<sup>a</sup> A. SEIXO (in *Palavras*, nº 4/5/6, 1983, p.117 e ss.). A título de curiosidade e sobre o ensino superior, tomem-se também como referência, dois ensaios de E. PRADO COELHO, insertos em *A letra litoral. Ensaio sobre a literatura e o seu ensino* ("A evolução da teoria literária e o ensino da literatura em Portugal", *op. cit.*, Lisboa, Moraes, 1979, p.53 e ss. e "O mais-saber e a diferença (a literatura e o seu ensino)", *idem*, p. 76 e ss.), bem como um de M.<sup>a</sup> V. LEAL DE MATOS ("Reflexões sobre a literatura e o seu ensino", in *Ler e escrever ensaios*, Lisboa, IN/CM, 1987, p. 9 e ss.).

<sup>15</sup> No que respeita a trabalhos de campo e a título exemplificativo, observem-se os seguintes estudos: M.<sup>a</sup> R. DELGADO-MARTINS *et alii*, *Para uma caracterização do saber linguístico à entrada no ensino superior*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 1987; e M.<sup>a</sup> J. ALBARRAN CARVALHO, "Português escrito e cultura. Notas sobre o Concelho de Mértola", in *Arquivo de Beja. Actas das I Jornadas do Arquivo de Beja - Cultura e sociedade no Baixo Alentejo*, vol. II/III, Série III, Dez.1996, p. 115 e ss..

No que à literatura em particular diz respeito, deparamo-nos, na sua grande maioria, com crianças e jovens que dela são destinatários, mas não efectivos receptores<sup>16</sup>. Nalguns casos, o acesso aos livros ainda não é facilitado, quer pelas condições inexistentes nas escolas quer pelas ofertas que a comunidade não proporciona<sup>17</sup>. Todavia e sempre no âmbito das disciplinas de língua portuguesa, os Programas impõem à criança e ao jovem o papel de destinatário, mesmo quando eles resistem a desejar-se receptores de textos literários, numa relação de verdadeiro prazer<sup>18-19</sup>. Afinal de contas e não apenas em Portugal, o nível de conhecimento linguístico efectivamente possuído revela-se deficiente para aceder a uma manifestação particular da linguagem, centrada sobre si mesma<sup>20-21</sup>, mesmo

<sup>16</sup> Reclamam-se a este propósito as pertinentes observações de J. CERVERA, a propósito do conceito de literatura infantil, na sua importante obra *Teoria de la literatura infantil*, Bilbao, Universidad de Deusto / Ediciones Mensajero, 1991, maxime p. 10 e ss..

<sup>17</sup> Para uma mais ampla e aprofundada dilucidação destas questões, no que ao domínio literário diz respeito, anotem-se as seguintes sugestões bibliográficas: H. B. NUNES, *Da biblioteca ao leitor. Estudos sobre a leitura pública em Portugal*, Braga, AB - Autores de Braga, 1996; D. GUIMARÃES DE SÁ, *À demanda do leitor. Bibliotecas infantis e juvenis em Portugal. Sentido de uma mudança*, Braga, Edição do Autor, 1994; e A. M.<sup>a</sup> MAGALHÃES e I. ALÇADA, *Os jovens e a leitura nas vésperas do século XXI*, Lisboa, Caminho, 1991. A título de curiosidade e em termos comparativos com outro país europeu, considere-se ainda: AA.VV., *I giovani e la lettura. Indagine "Grinzaneletture'95"*, Milano, Mondadori, 1995.

<sup>18</sup> Sobre os actuais problemas da leitura da obra literária num plano europeu, cf. R. CARDARELLO, *Libri e bambini. La prima formazione del lettore*, Firenze, La Nuova Italia Editrice, 1995, maxime "Parte I. Lettura e educazione", p. 3 e ss., sem esquecer também o sobremaneira divulgado *Como um romance*, de D. PENNAC (Porto, Asa, 1993) ou ainda *I diamanti in cantina. Come leggere la letteratura per ragazzi*, de A. FAETI (Milano, Bompiani, 1995).

<sup>19</sup> Equacionando a relação entre a leitura como 'saber' e como 'prazer' na escola, relembre-se um conhecido ensaio de M.<sup>a</sup> B. HERDEIRO, ainda pertinente apesar de marcado pelo tempo: "Dimensão pedagógica da leitura", in AA.VV., *Problemática da leitura. Aspectos sociológicos e pedagógicos*, Lisboa, INIC, 1980.

<sup>20</sup> Para tanto, vejam-se as concepções de literatura e de comunicação literária expostas por V. M. AGUIAR E SILVA na obra citada *supra* ou em *Teoria e metodologia literárias*, Lisboa, Universidade Aberta, 1990, numa leitura mais rápida.

quando esses indivíduos têm larga experiência enquanto receptores de texto fílmico e televisivo<sup>22-23</sup>.

Parece pois que, com uma frequência maior do que a desejada, o processo de aprendizagem da língua materna, em contexto escolar, não é eficiente para colmatar e desenvolver, consciencializando, as aquisições realizadas por cada indivíduo. Nesta perspectiva, também se apresentam condenadas a um sucesso reduzido as potencialidades do texto literário enquanto factor de promoção do desenvolvimento do imaginário de cada indivíduo e de pensamento divergente<sup>24</sup>.

É claro que todos, desde que queiramos, podemos estar conscientes destas questões. O problema (e o desafio...) é que não estaremos jamais seguros das soluções.

---

<sup>21</sup> Sobre dificuldades de leitura em geral, que integram esta, cf. I. SIM-SIM, "O que podem os 'maus leitores' ensinar-nos sobre leitura...", in I. DUARTE e I. LEIRIA (org.), *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol. II, Lisboa, A.P.L. / Edições Colibri, 1996, p. 261 e ss..

<sup>22</sup> Acerca desta questão em particular cf. R. CARDARELLO, *op. cit.*, p. 9 e ss., bem como A. O. FERRARIS, *TV per un figlio*, Roma / Bari, Laterza, 1995.

<sup>23</sup> Sobre as competências linguística e literárias, tenha-se em atenção o ensaio de V. M. AGUIAR E SILVA, ainda obra de referência embora naturalmente marcado pelo tempo: *Competência linguística e competência literária*, Coimbra, Almedina, 1977.

<sup>24</sup> Nesta perspectiva, cf. K. EGAN, *O desenvolvimento educacional*, Lisboa, Dom Quixote, 1992; e G. JEAN, "A leitura, o real e o imaginário", in AA. VV., *O poder de ler*, Porto, Civilização, 1978, p. 48 e ss., assim como diversos os ensaios de outros Autores também incluídos neste volume. Ainda na mesma linha, tenha-se em atenção o sugestivo ensaio de J. A. MARINA, *Teoría de la inteligencia creadora* (Barcelona, Anagrama, 1994 (4ª ed.)), recentemente traduzido entre nós pela Editorial Caminho; assim como M. GÓMEZ DEL MANZANO, *El protagonista-niño en la literatura infantil del siglo XX. Incidencias en la personalidad del niño lector*, Madrid, Narcea, 1987. Estabelecendo uma relação entre estas questões e o contexto escolar, vide A. TORRADO, *Da escola sem sentido à escola dos sentidos*, Porto, Civilização, 1994 (2ª ed.).